

# MULHERES EM MOVIMENTO SUSTENTAM A VIDA



AS AÇÕES DE SOLIDARIEDADE  
DA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES  
NO BRASIL



# MULHERES EM MOVIMENTO SUSTENTAM A VIDA

AS AÇÕES DE SOLIDARIEDADE  
DA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES  
NO BRASIL

SÃO PAULO, 2021

sof  
SEMPREVIVA  
ORGANIZAÇÃO  
FEMINISTA



## **Mulheres em movimento sustentam a vida: as ações de solidariedade da Marcha Mundial das Mulheres no Brasil**

Esta publicação é resultado do processo de sistematização das ações de solidariedade realizadas desde o início da pandemia no Brasil. A sistematização foi feita pela Marcha Mundial das Mulheres entre agosto e novembro de 2021.

### **Grupo de Trabalho (GT) organizador do processo**

Adriana Vieira das Graças, Ana Carolina Azevedo, Bernadete Monteiro, Elisa Albuquerque, Fabiana Benedito, Gabriela Cunha, Maria Fernanda Marcelino, Nalu Faria e Tica Moreno

### **Revisão**

Luisa Caron

### **Projeto gráfico e diagramação**

Caco Bisol

### **Foto da capa:**

Fotos 1 e 2: Arquivo MMM

Foto 3: Coletivo de Comunicação Soledad Barrett

Foto 4: João Cavalcante

### **Impressão**


AZ Artes Gráficas

### **Tiragem**

1.000 exemplares

### **Apoio para sistematização e publicação**

Fundação Heinrich Böll

Esta obra foi licenciada com uma Licença  *Creative Commons* Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 3.0 Brasil (CC BY-NC-SA 3.0 BR). Isso quer dizer que você pode copiar, distribuir, transmitir e reorganizar este material, ou parte dele, desde que cite a fonte, não ganhe dinheiro com isso e distribua sua obra derivada sob a mesma licença.

SOF Sempreviva Organização Feminista  
Rua Ministro Costa e Silva, 36.  
Pinheiros, São Paulo/SP  
[www.sof.org.br](http://www.sof.org.br) | [sof@sof.org.br](mailto:sof@sof.org.br)  
(11) 3819-3876

---

Mulheres em movimento sustentam a vida: as ações de solidariedade da Marcha Mundial das Mulheres no Brasil. Fabiana Benedito (Org). – São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista, 2021. 40p.  
ISBN: 978-65-87591-11-7

---

# SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO 5**

**RESUMO DAS AÇÕES 6**

## **PARTE 1**

MULHERES SUSTENTANDO A VIDA: RESPOSTAS COLETIVAS À CRISE 7  
SOLIDARIEDADE COMO PRINCÍPIO 10

## **PARTE 2**

A PANDEMIA E A INTENSIFICAÇÃO DO CONFLITO  
ENTRE O CAPITAL E A VIDA 11  
O CAPITALISMO PRODUZ A FOME 13

## **PARTE 3**

AÇÕES DE SOLIDARIEDADE NO BRASIL 16

## **PARTE 4**

APRENDIZADOS COLETIVOS 35  
HORIZONTES PARA A CONSTRUÇÃO DA VIDA EM COMUM 38



## APRESENTAÇÃO

Os relatos e reflexões apresentados nesta cartilha são frutos de ações e conversas coletivas. Para nós, da Marcha Mundial das Mulheres (MMM), a solidariedade sempre foi um princípio da organização feminista, concretizado nas práticas políticas cotidianas e na defesa dos direitos das mulheres, das trabalhadoras e dos trabalhadores. Desde o primeiro semestre de 2020, quando a pandemia de Covid-19 teve início, essas práticas concretas, promovidas pelas mulheres em movimento nos territórios, ganharam dimensões ainda maiores. Conforme contamos adiante, elas deram forma à atuação da Marcha nos estados durante o último período. Quantas coisas foram feitas!

Construindo as condições de existência e fortalecendo nossa resistência, estivemos envolvidas em iniciativas que, em sua diversidade, colocam a vida no centro. Cuidados em saúde, distribuição de alimentos e de kits de higiene, construção e fortalecimento de cozinhas e hortas comunitárias, iniciativas para geração de renda e de autonomia econômica para as mulheres estão entre as inúmeras ações feitas em todos os cantos do país. Com criatividade, em aliança com outros movimentos sociais e fortalecendo a relação entre campo e cidade, denunciamos o capitalismo patriarcal e racista e a política genocida do governo Bolsonaro. A reivindicação popular da derrota do bolsonarismo sempre esteve articulada às nossas ações de solidariedade.

No segundo semestre de 2021, demos início a um processo coletivo de sistematização das ações de solidariedade realizadas pela Marcha Mundial das Mulheres no Brasil, desde o início da pandemia, em março de 2020. Com esse processo, pensamos juntas sobre a solidariedade feminista, nos apropriando do que foi feito em cada território onde estamos organizadas. Esse acúmulo coletivo nutre nosso feminismo e, por esse caminho, construímos nossa agenda política pela sustentabilidade da vida.

No processo sistematizado nestas páginas, refletimos sobre essas ações e sobre quais relações – entre as pessoas, entre as pessoas e a natureza, com o trabalho, com a comida, com a terra e com o cuidado – queremos seguir fortalecendo com elas e a partir delas. A reflexão foi feita nas reuniões nacionais da MMM, em intercâmbios de experiências promovidos para falar sobre o assunto e também a partir dos relatos compartilhados por cada estado. Muitas dessas ações seguem acontecendo. A solidariedade faz parte da memória histórica das mulheres, que segue mais viva do que nunca.

Em nosso horizonte coletivo, fica a aposta de que é possível construir a vida em comunidade, garantindo sua sustentação coletiva. Também reafirmamos que é preciso seguir concretizando nossa perspectiva de colocar a sustentabilidade da vida no centro da organização da sociedade, sem perder de vista a transformação radical que queremos – e vamos – fazer na organização desse mundo.

## AÇÕES DE SOLIDARIEDADE DA MARCHA DURANTE A PANDEMIA

Aconteceram em 18 estados: RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MG, DF, MS, TO, PA, AM, RN, PE, MA, SE, CE e PB.

Atuamos em aliança com movimentos sociais, partidos, sindicatos, centrais sindicais e organizações locais. MST, MAB, CMP, CUT, MTST, MPA, Amigos da Terra, MTD, Levante Popular da Juventude, PT, CPT e Consulta Popular estão entre as organizações parceiras.

Participamos de articulações como “Periferia Viva”, “Vamos Precisar de Todo Mundo”, “Mãos Solidárias” e “Aliança Feminismo Popular”. Além disso, as ações aconteceram conectadas com a “Campanha Fora Bolsonaro”.

As ações de solidariedade foram:

Distribuição de alimentos agroecológicos, cestas básicas, kits de higiene, máscaras de proteção e informativos.

Produção de máscaras de tecido e sabão artesanal, construção e fortalecimento de hortas e cozinhas comunitárias, apoio a grupos da economia solidária e de produção agroecológica.

Formação de grupos e articulação de iniciativas para geração de renda e autonomia econômica para as mulheres.

Com a solidariedade feminista, colocamos a sustentabilidade da vida no centro da nossa agenda política, fortalecendo a auto-organização das mulheres, a agroecologia, a economia solidária, as alianças entre os movimentos sociais e a relação entre o campo e a cidade.

## PARTE 1

# MULHERES SUSTENTANDO A VIDA: RESPOSTAS COLETIVAS À CRISE

Vamos começar a conversa fazendo um exercício de recuperação da nossa memória do cotidiano, de hoje ou de tempos que já passaram. É um exercício simples: vamos falar de algumas situações e, para cada uma delas, perceber as imagens que vêm à nossa cabeça.

Uma cozinha coletiva que se organiza para combater a fome ou para sustentar uma greve. Uma horta comunitária onde as pessoas recuperam um pedaço de terra na cidade para produzir alimentos saudáveis. Uma luta no bairro por creches e saneamento básico. A cozinha de uma casa, uma criança sendo cuidada, uma pessoa idosa sendo acompanhada. A colheita em um quintal que vai direto ser preparada para o almoço, ou que as pessoas levam para casa depois de visitar familiares, amigas e amigos que moram no campo. A produção coletiva de máscaras de proteção facial. A reutilização de óleo de cozinha para a produção do sabão que garante a higiene das mãos. As equipes de saúde popular que cuidam do povo na periferia.

As mulheres estão nas cenas que vieram à sua cabeça, em cada uma dessas situações, não é?

Vivemos em uma sociedade que não reconhece os cuidados. Eles são considerados como uma coisa “natural”, feita obrigatoriamente pelas mulheres. Dessa forma, fica ocultado que dependemos do trabalho feito pelas mulheres todos os dias para que as pessoas estejam prontas para trabalhar. Isso quando há emprego, o que está cada vez mais difícil, especialmente nos dias de hoje. Nas casas e nos trabalhos mal remunerados, a responsabilidade com as tarefas necessárias para a reprodução da vida recai principalmente sobre as mulheres.

Especialmente em tempos de crise, as mulheres têm de assumir ainda mais o trabalho doméstico e de cuidado para garantir a sustentação da vida. E, quando olhamos para o cotidiano, vemos que essa tarefa de sustentar a vida vai muito além das dinâmicas familiares. Não só no Brasil, mas em todo o mundo, diante de Estados que só administram o mal-estar, as mulheres se organizam e enfrentam a falta de renda, criando alternativas coletivas.

Com experiências de organização comunitária, enfrentam a falta de serviços nos bairros, administram cozinhas populares, organizam a distribuição de alimentos, água e gás. Nenhuma crise afeta todas as pessoas do mesmo jeito. Por isso, se retomarmos o exercício de pensar em imagens desses processos coletivos, veremos que ali, encontrando saídas coletivas, estão as mulheres negras, da classe trabalhadora, moradoras das periferias e camponesas.



Na Marcha Mundial das Mulheres, partimos desse cotidiano de muito trabalho das mulheres, em casa e na comunidade, para entender o que está acontecendo na economia. Seguindo esse caminho, para nós, alguns elementos ficaram muito evidentes desde o início da pandemia, e os retomamos aqui porque são recorrentes na nossa compreensão de como a sociedade funciona. Além disso, eles orientam as nossas propostas para colocar a sustentabilidade da vida no centro da organização da sociedade.

| Desde o começo da pandemia de Covid-19, denunciemos as políticas de Bolsonaro e Paulo Guedes, que opunham a economia à saúde, como se a “economia” fosse mais importante que a vida. Sabemos que a economia real – essa que sustenta a vida, alimenta e cuida das pessoas – não parou porque não pode parar. **Sem cuidado, a vida não é possível.** A visão neoliberal e dominante da economia restringe o olhar para os lucros e para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto oculta insistentemente que tudo isso depende da vida das pessoas e da natureza.

| Com o desemprego e a redução dos serviços públicos, que são a marca das políticas de ajuste e das crises, aumentam os bens e serviços que as mulheres realizam dentro de casa. Na crise sanitária, por exemplo, houve o aumento do cuidado com pessoas com doenças crônicas que tiveram o atendimento à saúde interrompido, e também do preparo de refeições para as crianças, que antes comiam nas escolas.

| No cotidiano de precariedade, tensões e incertezas, as mulheres assumem em seus corpos-tempos-territórios os ajustes necessários para garantir as condições e possibilidades da vida em comum, o que intensifica o adoecimento físico e mental.

| Existe uma articulação sistêmica entre a divisão sexual e racial do trabalho, que são formas de divisão social do trabalho. Ou seja, há uma articulação sistêmica entre relações sociais de classe, raça e gênero. Ao olharmos para os bens e serviços que sustentam a vida no nível mais básico do

RODA DE CONVERSA  
DURANTE AÇÃO DE  
SOLIDARIEDADE EM  
MOSSORÓ (RN).  
ELLEN DIAS



cotidiano – a alimentação – fica evidente como essa articulação se atualiza, pois vemos uma continuidade entre o trabalho não remunerado que as mulheres fazem dentro de casa; o trabalho mal remunerado e precário que as trabalhadoras domésticas, cuidadoras e entregadoras e entregadores de empresas-plataformas digitais realizam; e as condições de precarização e exploração as quais agricultoras familiares são submetidas quando o destino de sua produção são os grandes supermercados.

| Economia e política estão sempre articuladas. Isso vale tanto para nossas críticas, como para nossas práticas e propostas de transformação. Por isso, quando colocamos no centro de nossa estratégia as ações de solidariedade, estamos combatendo visões que reduzem todas as iniciativas citadas anteriormente – e as que estão sistematizadas adiante – a estratégias de sobrevivência. **Nas ações coletivas para sustentar a vida, que é atacada diretamente pelo capital, falamos sobre construir as condições de existência, fortalecendo nossa resistência.** A auto-organização popular vai sendo construída, as contradições vão sendo percebidas e enfrentadas, a força coletiva das mulheres vai ganhando forma e apontando, em cada território, os caminhos não só para “sair da crise”, mas para transformar essa sociedade em uma que respeite e cuide, coletivamente, de cada vida, de todas e da natureza.

## SOLIDARIEDADE COMO PRINCÍPIO

Mudar o mundo e mudar a vida das mulheres. Igualdade para todas. Fortalecimento da organização de coletivos feministas: populares, autônomos e diversos. Ações com criatividade para enfrentar o capitalismo patriarcal e racista. Construção de alianças com os movimentos sociais em luta para transformar o mundo. Vincular o trabalho permanente em âmbito local com os temas e processos globais. **Solidariedade** e internacionalismo. São essas as principais características da construção da Marcha Mundial das Mulheres no Brasil e em todo o mundo.

A solidariedade – entre os povos, entre as mulheres e entre a classe trabalhadora – é base da construção da Marcha como um movimento popular, permanente e incontornável. Os princípios dessa construção foram reafirmados na Declaração da 5ª Ação Internacional, em 2020, em que nos organizamos em torno do lema “Resistimos para viver, marchamos para transformar”. Para nós, a solidariedade é uma prática central para a garantia da vida em comum, especialmente quando a vida é atacada diariamente. Durante a pandemia, as mulheres em movimento assumiram a responsabilidade coletiva de cuidar da vida, diante da política de morte do governo brasileiro.

A cada cinco anos, uma Ação Internacional da MMM conecta nossos processos organizativos e lutas a nível local com a força mundial do feminismo em movimento. Em 2020, a Marcha Mundial das Mulheres realizou sua 5ª Ação Internacional, com o lema “Resistimos para viver, marchamos para transformar”.

Como dissemos, a solidariedade é uma prática das mulheres para sustentar a vida e para transformá-la radicalmente. Marchamos para “mudar o mundo e a vida das mulheres em um só movimento”, como afirma um dos lemas da MMM.

*“(...) desde o início, a solidariedade é um princípio da MMM. Mas, a vivência mais recente conseguiu conectar muito nossa militância. Conseguimos materializar muito as coisas que afirmamos desde sempre. Não tem solidariedade sem luta. Não tem luta sem solidariedade”.*  
(Adriana Vieira, militante da MMM no Rio Grande do Norte)

Os caminhos rumo a essa transformação têm sido trilhados coletivamente. O capitalismo patriarcal e racista coloca o lucro acima da vida e tenta converter tudo o que é comum em mercadoria. O feminismo anticapitalista rejeita esse modelo que trata as pessoas como recursos descartáveis, como corpos-vidas que não importam. O mundo em que queremos viver e lutamos para construir coloca a sustentabilidade da vida no centro da organização da sociedade. E, por isso, é incompatível com o capitalismo.

Na direção oposta ao funcionamento do capital, a **solidariedade feminista está conectada com o reconhecimento e a valorização da interdependência e da ecodependência**, ou seja, das relações de mutualidade entre as pessoas e entre as pessoas e a natureza. A solidariedade é um princípio, um caminho e um pacto na construção de uma outra sociedade. Com essa prática política e cotidiana do feminismo popular, enfrentamos a imposição do individualismo e do “salve-se quem puder” sobre nossas subjetividades. Ao mesmo tempo, criamos condições para sustentar a vida em comum.

## PARTE 2

# A PANDEMIA E A INTENSIFICAÇÃO DO CONFLITO ENTRE O CAPITAL E A VIDA

A pandemia de Covid-19, a necessidade de isolamento social e a impossibilidade (de muitas pessoas) em fazê-lo são reveladoras da sociedade capitalista, racista e patriarcal. As recomendações para que as pessoas ficassem em casa e o *lobby* promovido pelo governo, em aliança com as corporações e o patronato, que dizia que a economia iria quebrar se as pessoas parassem de trabalhar, mostraram que a lógica do lucro e a da sustentabilidade da vida são incompatíveis.

Chamamos essa incompatibilidade de conflito capital-vida, porque a acumulação do capital e a sustentabilidade da vida são irreconciliáveis. Nos momentos de crise, isso fica ainda mais evidente. A crise que enfrentamos não é só sanitária. Ela tem múltiplas dimensões articuladas: social, política, econômica e ambiental. Nesse contexto, a ganância pelo lucro parece valer mais do que a vida da maior parte das pessoas, que dependem exclusivamente da renda do trabalho para sobreviver. Quando os governos e as empresas dizem que a economia não pode parar, eles estão afirmando, na verdade, que não estão dispostos a abrir mão dos seus ganhos, mesmo que isso coloque multidões em risco.

Os ricos não se importam com a tragédia vivenciada pelas trabalhadoras e pelos trabalhadores, embora tenham responsabilidade pelas causas dessa tragédia e ganhem com ela. Um bom jeito de ver isso é olhar para o desempenho dos bancos durante a pandemia. No início de 2021, enquanto a economia encolhia, os bancos privados tiveram lucros enormes, maiores do que no ano anterior. Eles ganham com o endividamento da população e lucram com a precarização do trabalho, fechando agências e demitindo funcionárias e funcionários. Enquanto a fome aumentou, atingindo 19 milhões de pessoas e fazendo com que haja gente se alimentando de ossos e buscando restos de comida nos lixos, os bolsos dos banqueiros ficaram mais cheios.

Nos primeiros três meses de 2021, o Santander, que tem sede na Espanha, teve um lucro de mais de R\$ 4 bilhões. Foi o maior lucro trimestral do banco desde 2010.

MMM NO ATO PELO FORA BOLSONARO, EM JUNHO DE 2021, EM SÃO PAULO (SP).  
ELAINE CAMPOS



AÇÃO SOLIDÁRIA NO COQUE, EM RECIFE.  
HELENA DIAS



AÇÃO DE SOLIDARIEDADE DA "ALIANÇA FEMINISMO POPULAR", NO MORRO DA CRUZ, NO RIO GRANDE DO SUL.  
JÚLIA KEIN (MTST)



## O CAPITALISMO PRODUZ A FOME

*“(...) foi impactante perceber que essas reformas [da previdência e trabalhista] que lutamos tanto para que não fossem aprovadas... que tudo que combatemos, desde o golpe, realmente afetou a vida do povo e afetou muito rápido. A miséria e fome voltaram e elas são reais”*, afirmou Joana Gaviraghi, companheira da Marcha Mundial das Mulheres da Paraíba, em um dos intercâmbios sobre as experiências de solidariedade no Brasil. Na pandemia, o desemprego e a queda da renda das brasileiras e dos brasileiros, entre outros problemas causados pela política genocida, trouxeram a fome de volta para a vida de muitas famílias, piorando a situação difícil que vivíamos desde o golpe de 2016.

**Longe de ser um problema apenas conjuntural, ou seja, momentâneo, a fome é a expressão da perversidade desse modelo econômico hegemônico.**

O Brasil é um dos maiores produtores de alimentos do mundo. Um território de dimensões continentais, onde o clima favorece o cultivo de uma grande variedade de alimentos. Se as pessoas estão passando fome, cabe perguntar: quais alimentos estão sendo produzidos com incentivos do Estado? Por quem? Para quem? Em que condições? Com quais objetivos?

As respostas evidenciam a urgência de mudar radicalmente a forma de produzir alimentos e não somente isso. Lutamos por reforma agrária, porque, para nós, a terra é de quem nela trabalha, produzindo comida sem veneno. **É a agricultura familiar e camponesa que produz para alimentar as pessoas e não para gerar lucros para os latifundiários.**

Sob controle do capitalismo, a alimentação deixa de ser uma forma de satisfação de necessidades para se tornar apenas mais um tipo de negócio. A agricultura industrial (o agronegócio) se apoia no uso intensivo de fertilizantes, venenos e derivados de petróleo, e destrói sistematicamente territórios, comunidades e ecossistemas com suas monoculturas. A comida produzida pelo agro é, na verdade, uma *commodity* a ser vendida para fora do país, em dólar, enquanto o povo fica de mãos e estômago vazios.

Prova disso é que, no Brasil, enquanto a fome cresce, o agronegócio lucra. Durante a pandemia, o governo Bolsonaro negou auxílio emergencial para agricultoras e agricultores familiares e afirmou que não havia dinheiro para isso. Enquanto isso, distribuiu benesses para o agro.

Promulgados em agosto de 2020, pontos da chamada “Lei do Agro” criaram facilidades para acesso a crédito e financiamento de dívidas de grandes produtores rurais e dispensaram o segmento de contribuições relativas à Seguridade Social. Além disso, o Plano Safra 2020/2021, lançado em junho de 2020, foi denunciado pelos movimentos sociais e populares como um “Plano da fome”, já que ele não contemplou financiamento para a produção de alimentos pela agricultura familiar, privilegiando o agronegócio.

Com o incentivo do governo Bolsonaro, o agro foi um dos setores que mais cresceram na crise. Com mais grilagem de terras, genocídio dos povos indígenas, violência no campo e adoecimento da população pelos agrotóxicos, o agronegócio mostrou mais uma vez que não é pop, ao contrário do que

afirmam os meios de comunicação de massa. As empresas transnacionais do agronegócio e os latifundiários brasileiros são partes fundamentais de um sistema de morte: de corpos, territórios, saberes e da nossa autonomia.

Diante disso, as ações de solidariedade promovidas pela Marcha e por movimentos sociais aliados, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), enfrentam a fome, cuidam do povo e são pautadas pelo acúmulo das lutas pela soberania alimentar e pela produção de alimentos saudáveis. **Reivindicar a soberania alimentar significa lutar pelo controle e autonomia dos povos sobre seu alimento, sem as imposições das grandes empresas transnacionais.**

*“(...) As ações de solidariedade se deram através da articulação de movimentos e grupos que defendem a vida, a soberania alimentar dos povos, a vacina no braço e a comida no prato. Sabemos que a construção é desafiadora e lenta, mas é na organização coletiva e visibilizando as histórias de luta das mulheres, em sua maioria negras e filhas de mulheres negras, que carregam a luta das suas ancestrais em seus corpos, que resistimos e construímos outros modos de bem viver”.*

(Companheiras da MMM do Rio Grande do Sul)

## ENFRENTAMOS O PODER DAS EMPRESAS TRANSNACIONAIS

Com nossas ações, denunciaremos a ofensiva do poder corporativo sobre a alimentação e a natureza. As empresas transnacionais controlam a distribuição de alimentos e, por isso, as pessoas ficam reféns dos alimentos ultraprocessados vendidos nas grandes redes de supermercados. São essas empresas que definem os preços da comida, com grandes margens de lucro, e ditam o modelo de consumo, a variedade de produtos, as cores, formas e embalagens. Os alimentos ultraprocessados são praticamente vazios em valor nutricional. São algo que se come, mas não algo que alimenta.

Conforme a vulnerabilidade econômica das famílias aumenta, eles vão ganhando mais espaço à mesa, já que custam pouco. Só que esse barateamento é possibilitado justamente pela escala da produção industrial e pela intensificação da exploração do trabalho e da natureza.

Nós rejeitamos as falsas soluções. As grandes organizações internacionais tratam a fome como se ela fosse apenas um número insuficiente de calorias, e defendem que a “segurança alimentar” pode ser alcançada pela agricultura industrial. Os movimentos sociais e populares denunciam essa visão reducionista e defendem a soberania alimentar como uma resposta integral às necessidades dos povos.

*“(...) a pandemia é resultado do modelo de produção e consumo. As mudanças climáticas são uma realidade. Estes processos nos fazem perceber que precisamos ser ousadas nas nossas propostas e ações. Precisamos trazer para o presente a cooperação, o acolhimento, o cuidado, a produção... a vida para o centro (...).”*

(Militantes da MMM de Santa Catarina)

Enquanto o agronegócio vende suas mercadorias mundo afora, destruindo a natureza, a saúde das pessoas, os territórios e as condições de vida; a agricultura familiar e camponesa sempre foi a maior responsável por colocar a comida no prato do povo. Durante a pandemia, essa diferença ficou ainda



HORTA POPULAR AGROECOLÓGICA DANDARA,  
NO NASCEDOURO DA CULTURA POPULAR  
EM PEIXINHOS, OLINDA (PE).

mais evidente. Muitas ações de solidariedade foram promovidas e envolveram a distribuição de alimentos saudáveis, produzidos pela agricultura familiar e camponesa.

**Seguiremos em marcha, denunciando o agronegócio e rejeitando as falsas soluções. Queremos terra, trabalho e comida de verdade para todas as pessoas!**



## PARTE 3

# AÇÕES DE SOLIDARIEDADE DA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES NO BRASIL

### EM LUTA CONTRA A POLÍTICA GENOCIDA

*“(...) as ações foram um marco para a esquerda brasileira. Conseguimos responder à barbárie com algo que conseguiu levantar as pessoas e dar esperanças, a partir de uma luta coletiva protagonizada pelas mulheres e pelas pessoas negras.”*

(Naiara Mascarenhas, da MMM no Tocantins)

No início de 2020, com a pandemia e o governo genocida, a vida do povo ficou muito difícil. Diante da precariedade que assolou a vida das trabalhadoras e dos trabalhadores no país, os movimentos sociais e populares se organizaram para responder à política de morte em curso, a partir de ações concretas em diferentes territórios.

Essa resposta foi e tem sido dada de forma articulada:

- | nas ruas, mobilizando milhares de pessoas em grandes manifestações que rejeitam não só o atual presidente, mas todo o projeto político bolsonarista;
- | nas redes, onde as organizações denunciam constantemente a condução irresponsável e criminosa do país, combatendo as mentiras e a desinformação;
- | e nas comunidades, periferias e ocupações, onde inúmeras campanhas e iniciativas de solidariedade foram organizadas para cuidar da vida, da alimentação e da saúde do povo.

A conjuntura tem sido especialmente dura para as mulheres, que são maioria entre as pessoas desempregadas e entre aquelas que estão em empregos precários e que nunca param. Percebemos isso na vida de cada uma de nós, mas esse não é um problema individual. A pesquisa feita pela SOF e pela Gênero e Número, em 2020, revelou que as mulheres passaram a cuidar ainda mais de outras pessoas – de sua família, de vizinhas, de amigas – durante a pandemia. As dinâmicas de vida e trabalho das mulheres se contrapõem ao discurso de que “a economia não pode parar”, mobilizado pelo governo para se opor às recomendações de isolamento social. Os trabalhos necessários para a sustentabilidade da vida foram intensificados na pandemia e as mulheres sentiram – em seus corpos, tempos e em sua saúde – os efeitos disso.

Nesse cenário, a solidariedade deu forma à atuação da Marcha Mundial das Mulheres em praticamente todos os estados onde estamos organizadas. Em cada canto do país, enfrentamos juntas as emergências que a deterioração das condições de vida nos impôs. Refletimos coletivamente sobre as estruturas sociais e questões conjunturais que levaram a essa situação. Projetamos outras formas de organizar a vida, orientadas pelo cuidado, pela reciprocidade, autogestão e solidariedade. **Com a solidariedade feminista e militante, não enfrentamos somente a perversidade desse sistema: questionamos o atual modelo e colocamos alternativas coletivas no horizonte.**

*“Em tempos tão difíceis de retirada de direitos e pandemia, quisemos fortalecer laços de solidariedade com os territórios e a MMM do estado; garantir alguns insumos fundamentais para sustentabilidade da vida; fortalecer os laços da rede feminista e popular na construção de paradigmas e de enfrentamento das políticas de austeridade (...).”*

(Militantes da MMM no Rio Grande do Sul)

*“(...) além de atender essa necessidade emergencial e urgente da vida das mulheres, cada dia mais precarizada pelas atuais dinâmicas de acumulação capitalista, austeridade e retirada de direitos, desemprego, além da pandemia, queríamos sobretudo estabelecer laços de afeto, confiança, carinho, solidariedade, companheirismo e amizade com as mulheres, algumas em situação de violência doméstica, outras em situação de desemprego (...).”*

(Militantes da MMM no Tocantins)

## A CENTRALIDADE DA AUTO-ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

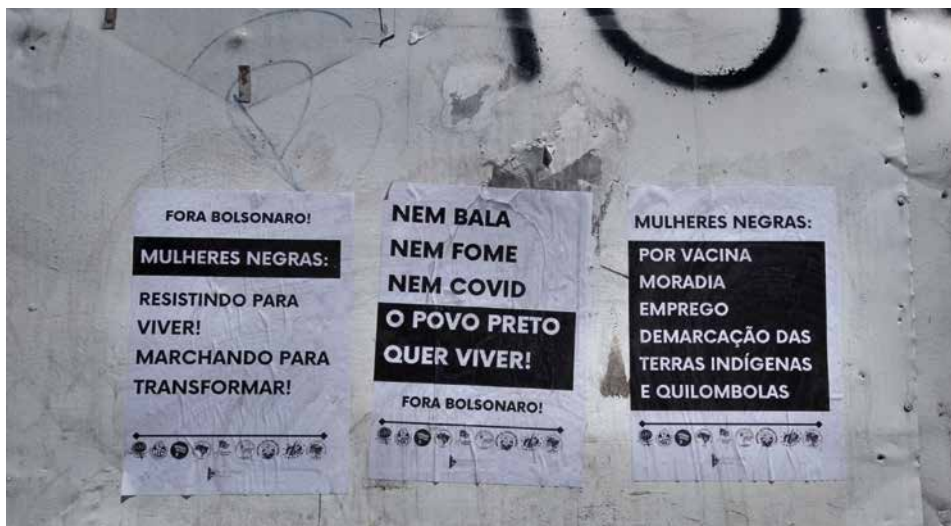
A auto-organização das mulheres é fundamental para que as ações de solidariedade tenham consequência política transformadora. Durante a pandemia, vimos diversas iniciativas de doações feitas por empresas ou entidades que usam a “caridade” como forma de naturalizar a desigualdade e a exploração. As empresas fazem propaganda com doações, maquiando sua responsabilidade como causadoras da exploração, pobreza e precariedade. Essa é a “solidariedade S.A.”, que criticamos e rejeitamos.

**As ações de solidariedade feministas e populares enfrentam a fome e cuidam da vida, ao mesmo tempo que organizam o povo em seus territórios. Essa é uma diferença fundamental em relação à caridade e às doações corporativas. As ações de solidariedade feministas e populares constroem força social para enfrentar as políticas que provocam a fome.**

As ações da Marcha Mundial das Mulheres envolveram a organização coletiva, a produção de materiais informativos sobre a pandemia, o feminismo e a “Campanha Fora Bolsonaro”, articulando nossas lutas e reivindicações.

Foi assim em **Belo Horizonte** (MG). As militantes distribuíram kits de higiene para famílias em situação de vulnerabilidade, junto com um panfleto informativo sobre a MMM, a Covid-19 e o enfrentamento ao bolsonarismo. O mesmo aconteceu em **Ubatuba**, no litoral do estado de **São Paulo**, onde as ações envolveram a distribuição de materiais comunicativos que abordavam a questão da fome, a desigualdade e a necessidade de derrotar o atual governo. Em **Recife** (PE), mais de cinco mil máscaras produzidas pelas militantes foram distribuídas junto de um informativo sobre o combate à violência contra a mulher.

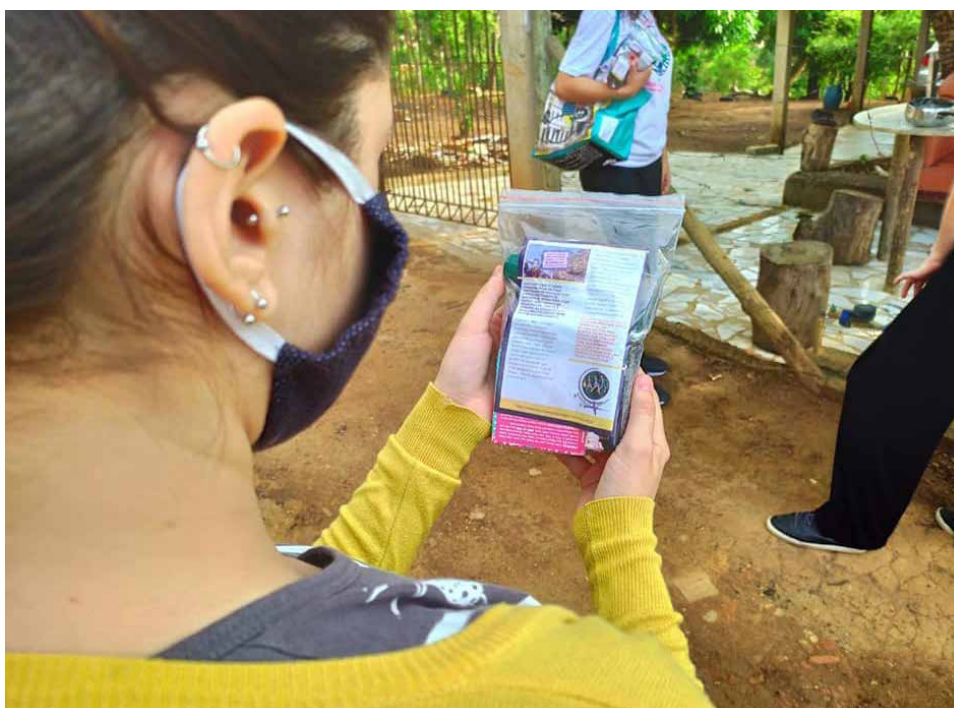
NEM BALA, NEM FOME,  
NEM COVID.  
LAMBE-LAMBE  
EM RECIFE (PE).  
COLETIVO DE COMUNICAÇÃO  
SOLEDAD BARRETT



AÇÃO DE  
SOLIDARIEDADE EM  
JOÃO PESSOA, NA  
PARAÍBA



AÇÃO SOLIDÁRIA NA  
COMUNIDADE VALE  
DO SOL, EM SÃO  
JOAQUIM DE BICAS  
(MG), REGIÃO ATINGIDA  
PELO ROMPIMENTO  
DA BARRAGEM DA  
MINERADORA VALE



*“Com as ações, queríamos manter a nossa militância organizada e também organizar mais mulheres. Tínhamos o objetivo de nos fazer presentes em novos territórios, fortalecendo a luta pelo Fora Bolsonaro na região e construindo alternativas solidárias.”*

(Militantes da MMM em Minas Gerais)

No feminismo popular, as mulheres são muitas e diversas. Muitas militantes do movimento estavam em situação de desemprego, sem renda e com inúmeras responsabilidades para dar conta. A solidariedade entre as companheiras fez a diferença para enfrentar coletivamente a situação. Na cidade de **São Paulo**, além da distribuição de alimentos agroecológicos, cestas básicas e máscaras de proteção, organizadas para um público mais amplo, a MMM promoveu uma campanha permanente de arrecadação de recursos para apoiar as militantes do movimento e da Associação de Mulheres da Economia Solidária de São Paulo (Amesol), que estavam vivendo situações de precariedade econômica. A campanha financeira arrecadou quase R\$ 100 mil reais, que tem garantido um apoio mensal de R\$ 200 a R\$ 300 reais para as mulheres desempregadas. No **Ceará**, as militantes da MMM também foram apoiadas pelas ações de solidariedade promovidas no estado.

*“Em São Paulo, juntamos dinheiro para ajudar as companheiras, distribuímos muita máscara, alimentos agroecológicos e cestas básicas. No dia 24 de abril, por exemplo, distribuímos 1500 máscaras, em várias regiões, ao mesmo tempo que entregamos panfletos e conversamos com as pessoas.”* (Maria Fernanda Marcelino, militante da MMM em São Paulo)

A prática confirma o que afirma o canto militante, entoado na batucada feminista da MMM: *sozinhas, andamos bem, mas juntas caminhamos bem melhor.*

## A DESIGUALDADE TEM CLASSE, GÊNERO E RAÇA

O perfil das pessoas apoiadas nas ações de solidariedade foi composto majoritariamente por mulheres, especialmente negras, moradoras de regiões periféricas, mães que não contam com apoio dos pais das filhas e filhos, vivendo situações nas quais garantir renda para as necessidades básicas se tornou um desafio diário e árduo. **Essa crise escancarou as dimensões raciais e de gênero da desigualdade social no país.**

Por isso, ações de solidariedade foram promovidas no Julho das Pretas, fortalecendo o debate e a luta antirracista. As mulheres negras são maioria entre as catadoras de materiais recicláveis, trabalhadoras domésticas, diaristas, balconistas e desempregadas que foram apoiadas pelas ações de solidariedade da MMM no **Distrito Federal**. No **Rio Grande do Sul**, o Julho das Pretas também foi marcado pela solidariedade e pelo debate sobre o desmantelamento do racismo, do machismo e do capitalismo.

No **Tocantins**, o Oorun Obinrin: Instituto da Mulher Negra, articulado com a MMM, organizou ações de solidariedade no município de **Arraias**, território de comunidades quilombolas, com doações de cestas de alimentos, materiais de higiene e máscaras de tecido artesanais produzidas por mulheres do território. Em **Ubatuba** (SP) e em **Santa Catarina**, houve ações direcionadas a apoiar comunidades indígenas, quilombolas e caçaras. Em **Baía da Traição** (PB), foram distribuídas cestas básicas para as indígenas potiguaras. No **Sergipe**, a Marcha fez parte de uma ação que distribuiu mais de cinco mil

cestas básicas para quilombolas, indígenas, pescadoras e pescadores, e para a população ribeirinha do Baixo São Francisco. No **Maranhão**, as quilombolas também estiveram no centro de algumas das ações de solidariedade. Além disso, rodas de conversa, cine-clubes e momentos de autocuidado na periferia do **Recife** consolidaram o acúmulo coletivo sobre quem são os corpos que sustentam a vida e quais são as demandas das mulheres negras.

Foram muitas experiências, diversas e coletivas, que fortaleceram a perspectiva feminista, antirracista e de classe da Marcha Mundial das Mulheres.

## CALENDÁRIO DE LUTAS COLETIVAS

Nos dias de luta dos movimentos sociais e feministas, a Marcha Mundial das Mulheres articulou mobilização com ações de solidariedade. Muitas ações foram vinculadas aos dias de mobilização nacional da “Campanha Fora Bolsonaro”.

O dia 24 de abril de 2020 foi um marco importante para a MMM no Brasil, no que diz respeito à construção da solidariedade. Anualmente, esse é um dia em que a Marcha realiza uma ação global de 24 horas de solidariedade feminista. Desde 2013, relembramos, na data, o massacre ocorrido em Rana Plaza, Bangladesh, em que cerca de mil mulheres foram feridas ou perderam suas vidas devido ao colapso do edifício onde trabalhavam em condições desumanas, por um salário imoral. Em solidariedade, unimos vozes para denunciar as empresas transnacionais, que atuam precarizando nossas vidas, corpos e territórios.

No **Rio Grande do Norte**, o 24 de abril de 2020 foi um dia estratégico para a arrecadação de alimentos e produtos de limpeza para a campanha “Vamos precisar de todo mundo”, iniciativa da Frente Brasil Popular e da Frente Povo Sem Medo, em parceria com diversas organizações e movimentos sociais. Nesse dia, conectamos a solidariedade local com as reivindicações da Marcha Mundial das Mulheres em sua 5ª Ação Internacional. Em **Minas Gerais**, o dia 24 de abril foi construído para fortalecer as mulheres que estão em luta contra o impacto da mineração. Ocupamos as redes com uma live intitulada “A mineração e a vida das mulheres no contexto da Covid-19”.

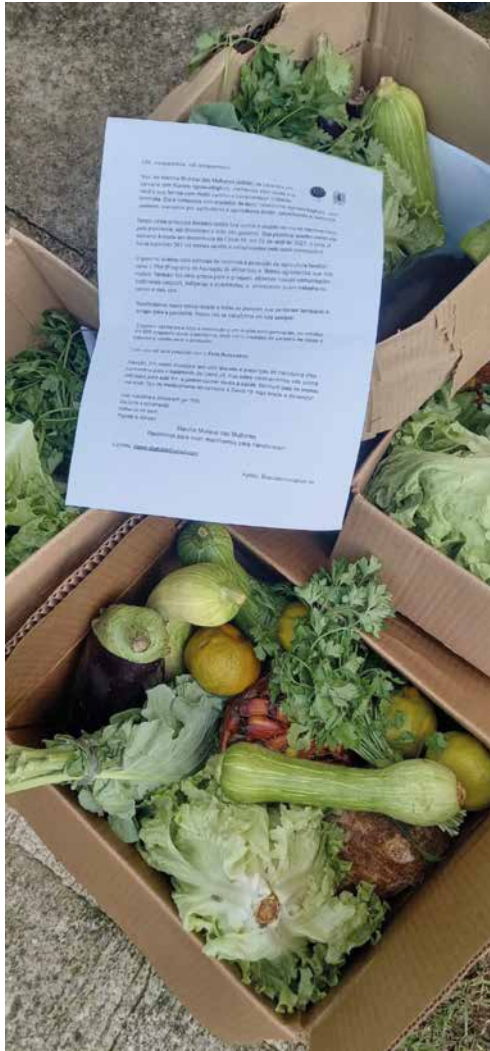
Além disso, em lugares como o **Ceará** e a **Paraíba**, a solidariedade esteve no centro da organização do 8 de março, Dia Internacional de Luta das Mulheres, em 2021. Em **João Pessoa** (PB), a Marcha se juntou a outros movimentos na Jornada do 8 de março, e distribuiu cinco toneladas de alimentos nas comunidades de Thiago Nery e Mangabeira VIII. Os alimentos foram doados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). Na ocasião, a Cozinha Comunitária Alimentando com Afeto foi reativada.

Em 2021, o 7 de setembro, data em que os movimentos sociais e populares historicamente organizam o Grito das Excluídas e dos Excluídos, também foi dia de ação em muitos lugares. No **Paraná**, as marchantes participaram de uma mobilização na Ocupação Nova Esperança, em **Campo Magro** (região metropolitana), onde fizeram plantio de árvores, doação de alimentos às famílias e a inauguração de uma padaria comunitária. O lema da mobilização foi “Na luta por participação popular, saúde, comida, moradia, trabalho e renda, já!”. Em **Caruaru**, a data também foi marcada pelas ações de solidariedade e pelas denúncias contra o governo Bolsonaro.

AÇÃO SOLIDÁRIA DE DISTRIBUIÇÃO DE CESTAS DE ALIMENTOS EM SÃO PAULO (SP)



CESTA AGROECOLÓGICA E INFORMATIVO DA AÇÃO SOLIDÁRIA EM UBATUBA (SP)



AÇÃO DE SOLIDARIEDADE EM FORTALEZA (CE)

No dia 1 de maio de 2021, Dia da Trabalhadora e do Trabalhador, as marchantes do **Rio de Janeiro** articularam uma ação de entrega de 50 botijões de gás de cozinha, 50 cestas básicas e 50 máscaras de proteção na comunidade Tavares Bastos, em parceria com sindicatos da região. Além de garantir gás para as famílias, em um momento em que muitas tiveram que escolher entre o botijão e a comida, a ação também denunciou a política abusiva de preços e o aumento no custo de vida.

Em **São Paulo** (SP), na preparação do 8 de março de 2021, as mulheres se somaram a essa denúncia. Com o “carro da banana”, um carro de som que passou pelos bairros vendendo alimentos produzidos por agricultoras do campo, a Marcha denunciou a alta dos preços dos alimentos, a falta da vacina, de auxílio emergencial e todo o projeto genocida de Bolsonaro.

Em outros lugares e momentos, a denúncia do preço do gás e da energia também esteve no centro das ações de solidariedade militantes. Em **Jaboatão** (PE), em maio de 2021, a MMM, em parceria com a Federação Única dos Petroleiros (FUP) e diversos movimentos sociais, conseguiu oferecer gás com preço subsidiado (custando R\$ 45) para 75 famílias. A iniciativa atendeu, principalmente, mães que são chefes de família. Nesse dia, também houve distribuição de cestas agroecológicas do MST e kits de higiene.

## VIVAS, FORTES E CRIATIVAS

Em todos os lugares, não faltou criatividade nas construções.

No **Mato Grosso do Sul**, as companheiras organizaram dois “Drive Thru solidários”, em parceria com o MST e a Central Única das Trabalhadoras e Trabalhadores (CUT), para arrecadar doações que posteriormente seriam distribuídas em regiões periféricas da capital. Em **Dourados**, no interior do estado, a MMM criou uma vaquinha eletrônica para a compra de sementes crioulas que foram distribuídas às comunidades rurais e indígenas. As sementes crioulas não têm alteração genética ou utilização de produtos químicos, e são símbolo da resistência e enfrentamento ao agronegócio. Com as práticas cotidianas, vamos concretizando o feminismo como um projeto de sociedade.

A cultura fez parte das nossas ações de solidariedade em muitos estados e em diversas ocasiões. No **Rio Grande do Norte**, as mulheres construíram uma “Caravana Virtual Feminista da Economia Solidária”, com transmissões ao vivo com programação cultural para a venda de produtos das mulheres da economia solidária. No **Distrito Federal**, as marchantes se juntaram aos sindicatos da CUT e à Central de Movimentos Populares (CMP) para um “Sarau Solidário” online.

No dia 30 de maio de 2020, construímos um dia nacional de mobilização pelo “Fora Bolsonaro”. Ações de solidariedade, cultura e agitação nas redes fizeram parte das atividades. Pela manhã, houve ações de solidariedade espalhadas pelo país. À tarde, ocupamos as redes com as tags #MarchaEmAção2020 e #ForaBolsonaro e, em seguida, fizemos um debate para colocar em diálogo as resistências e alternativas feministas.

**Em cada território e espaço, com criatividade e irreverência, construímos caminhos para colocar a solidariedade como uma dimensão central para a construção de movimento e para a gestão compartilhada da vida.**



NO DF, AÇÕES FORAM PROMOVIDAS ARTICULADAS COM O JULHO DAS PRETAS



JORNADA DO 8 DE MARÇO EM JOÃO PESSOA (PB)



CESTAS DAS AÇÕES SOLIDÁRIAS REALIZADAS EM UBATUBA, NO LITORAL DO ESTADO DE SÃO PAULO



## AGROECOLOGIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA: ALTERNATIVAS À BARBÁRIE CAPITALISTA

As ações de solidariedade da MMM fortaleceram a economia solidária e a agroecologia. Em alguns estados, a MMM já tinha como ponto de partida a construção de processos de organização das mulheres na economia solidária e na agroecologia. Isso permitiu uma articulação rápida para que os alimentos doados fossem adquiridos diretamente de agricultoras agroecológicas.

Foi assim no **Rio Grande do Norte**, onde as mulheres realizaram uma ação com a Rede Xique Xique de Economia Solidária. Elas arrecadaram recursos que foram usados para comprar alimentos da agricultura familiar, os quais foram posteriormente doados para as militantes da Marcha em situação de vulnerabilidade. Em **Ubatuba** (SP), as ações também envolveram comprar alimentos de um grupo de produção agroecológica, que articula produtoras e produtores do município e da região do Vale do Paraíba. Em **São Paulo**, capital, a distribuição de alimentos agroecológicos *in natura* também fez parte das ações de solidariedade. A Rede Agroecológica de Mulheres Agricultoras da Barra do Turvo (RAMA) forneceu alimentos para diversas campanhas de solidariedade, não apenas as organizadas pela Marcha Mundial das Mulheres. As agricultoras da rede avaliaram que esse foi um momento de estreitamento dos laços entre campo e cidade (o que já vinha acontecendo através da organização de grupos de consumo responsáveis na Grande São Paulo), especialmente com periferias que até então não tinham acesso ao alimento agroecológico. As agricultoras, junto aos coletivos urbanos, têm pensado maneiras de fazer com que esse laço entre campo e periferia perdure.

No **Pará**, a MMM, em parceria com o Sindicato dos Bancários do estado, articulou a distribuição de cestas para as catadoras de recicláveis de duas cooperativas nas quais há companheiras do movimento. Além disso, as paraenses organizaram uma rifa solidária para arrecadar fundos para apoiar militantes e mulheres próximas, a partir do recebimento de demandas. Todos os prêmios foram doados ou custeados por alguma integrante da Marcha. Com a arrecadação, elas compraram cestas de alimentos e conseguiram apoiar as mulheres.

Em **Pernambuco**, a “Campanha de Solidariedade Feminista”, a partir de março de 2020, articulou ações de conscientização, orientações sobre cuidados da saúde e doação de alimentos e produtos de limpeza nas comunidades. No decorrer da campanha, a cesta de alimentos incorporou produtos agroecológicos, a partir de uma parceria com o Centro Sabiá.

Em diferentes estados, as iniciativas apontaram a agroecologia e a economia solidária e feminista como alternativas para colocar a sustentabilidade da vida no centro das relações sociais.

## SOLIDARIEDADE PARA SEGUIR EM MARCHA

Um caminho incontornável. Foi assim que as companheiras da **Paraíba** perceberam a solidariedade feminista no enfrentamento da precariedade da vida. Além das ações de distribuição de alimentos e produtos de higiene, em **João Pessoa e no seu entorno**, as ações de solidariedade da MMM desencadearam novos processos organizativos e de autogestão. Desde o início da pandemia, as militantes organizaram oficinas de produção de sabão de baixo custo para distribuição nas periferias, e isso gerou



AÇÃO SOLIDÁRIA NA  
CÔMUNIDADE TAVARES BASTOS,  
NO RIO DE JANEIRO



O "CARRO DA  
BANANA" NA  
PREPARAÇÃO DO 8  
DE MARÇO, EM SÃO  
PAULO (SP)

**Drive Thru Solidário**  
Marcha Mundial das Mulheres/MS

Arrecadação de recursos para a Comunidade Mandela e outras em parceria com a CUFA - Central Única das favelas em Campo Grande/MS

**Dia 13/03**  
**Das 9h às 18h**

Ponto de Arrecadação:  
**CASA LILÁS**  
R. Senador Queiroz, 426  
- Leblon ou PIX\*

Medidas de segurança: Não descer do carro e usar máscara e álcool em gel

Alimentos não perecíveis e material de higiene e limpeza

Parceiros:

\*Para doação em Pix:  
778849901-30

DIVULGAÇÃO DO "DRIVE  
THRU SOLIDÁRIO" DA MMM  
E DE OUTROS MOVIMENTOS  
DE CAMPO GRANDE (MS)

PRODUÇÃO DO GRUPO  
"AS SABOIEIRAS"



FÁBRICA DE VASSOURAS  
ECOLÓGICAS EM  
BRASÍLIA TEIMOSA, EM  
RECIFE (PE)



bastante interesse nos territórios. A partir desse processo, foi criado um grupo de mulheres das comunidades Thiago Nery e Patrícia Tomaz chamado “As saboeiras”, que agora produz sabão artesanal para vender.

Em **Manaus**, no **Amazonas**, as mulheres também incentivaram a produção de sabão caseiro. Em 2020, em conjunto com outros movimentos sociais, a MMM realizou coleta e entrega de cestas básicas para as mulheres da periferia e também produziu máscaras para doação. Em **Parintins**, no interior do estado, as marchantes partilharam conhecimentos sobre medicina natural. Além disso, elas se mobilizaram para ajudar as mulheres a se cadastrarem para receberem o auxílio emergencial.

Em **Palmas**, no **Tocantins**, as companheiras deram início à construção de uma associação de mulheres no território, estimulando atividades para a autonomia econômica, como a produção de sabão artesanal, com o grupo “Sabão Flor de Pequi”. No **Rio Grande do Sul**, as mulheres também fizeram oficinas de sabão em **Farroupilha**, no interior do estado, o que inspirou a multiplicação do processo em outras cidades. Além disso, elas contam que avançaram na troca de diversos saberes, como construção de hortas, aproveitamento de alimentos e de água da chuva, entre outros.

Em **Olinda** (PE), o grupo de saúde Condor Cabo Gato, que integra a Marcha Mundial das Mulheres, atuou na produção e manipulação de remédios fitoterápicos semiartesanais durante a pandemia, comercializados na própria comunidade e em feiras agroecológicas. A partir de ações de capacitação realizadas pelo grupo, foi constituída uma rede intercomunitária de comercialização de sabão artesanal, reunindo comunidades de **Recife**, **Olinda** e **Paulista**.

Também em **Pernambuco**, como parte da campanha “Mãos solidárias”, a doação de alimentos foi articulada à construção de uma rede de costureiras para a produção de máscaras de proteção. A rede chegou a contar com 300 mulheres. O Curso de Costura Básica e a Horta Popular Agroecológica Dandara, ambas iniciativas em Peixinhos, que fica em **Olinda**, são fruto dessa campanha. Em Brasília Teimosa, no **Recife**, as militantes consolidaram a construção da Fábrica de Vassouras Ecológicas, coordenada pela Marcha Mundial das Mulheres, com o apoio da Turma do Flau e do Fundo Casa Socioambiental. Em 7 Mocambos, na Várzea, na capital pernambucana, as ações desencadearam processos de reflexão sobre a importância da organização para a autonomia econômica das mulheres.

Em **Santa Catarina**, as ações nas comunidades de **Palhoça** começaram com a organização da produção de máscaras de proteção e, hoje, elas também produzem bolsas, almofadas, panos de pratos, roupas de bebês, entre outros produtos. Múltiplas experiências que apontam que um dos caminhos para a autonomia das mulheres está na construção da economia feminista e solidária.

## COMER JUNTAS, LUTAR JUNTAS

As ações de solidariedade desencadearam iniciativas de gestão comunitária, que buscam responder, de maneira coletiva, às necessidades que foram individualizadas pelo capitalismo, tais como a alimentação e a geração de renda. A alimentação é uma dimensão da vida coletiva, e o ato de comer junto é uma prática de resistência.

COZINHA COMUNITÁRIA  
EM PORTO ALEGRE, RIO  
GRANDE DO SUL.  
ALASS DERIVAS |  
@DERIVAJORNALISMO



AÇÃO  
SOLIDÁRIA  
EM PALMAS  
(TO)



MUTIRÃO DE  
PREPARAÇÃO DAS  
"MARMITAS DA TERRA",  
EM CURITIBA (PR)



A MMM da **Paraíba** participou de iniciativas populares de fortalecimento de cozinhas comunitárias, em comunidades como Aratu, Thiago Nery e Sonho Verde, em **João Pessoa**.

No **Rio Grande do Sul**, a MMM, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e a Amigos da Terra se juntaram para apoiar a Cozinha Solidária da Azenha e a construção de uma horta comunitária no Morro da Cruz, na capital do estado. As três organizações formaram a “Aliança Feminismo Popular”, que desde o início da pandemia tem construído ações conjuntas.

*“O entendimento é de que os pés de alface, berinjela, rúcula, bertália, entre outras mudas, servirão mais do que como alimento direto para a comunidade, mas como início de uma relação mais profunda com o que se come. Para crianças e adultos, aproximar a relação com as plantas, fazer parte de sua produção, é mais um caminho de construção de relações de autonomia para o fortalecimento da soberania alimentar através da horta comunitária agroecológica.”*

(Aliança Feminismo Popular)

*“Ações de solidariedade como essa são parte de uma construção ampla, solidária e contínua entre a diversidade das mulheres urbanas e do campo que se encontram na Aliança Feminismo Popular, na construção de condições dignas e permanentes de acesso a alimento de verdade, a gás de cozinha a preço justo, a saneamento básico, dentre outros itens e serviços do direito humano fundamental.”*

(Gabriela Cunha, da MMM no Rio Grande do Sul)

Em **Recife** (PE), durante a pandemia, as mulheres da Horta Comunitária Guerreiras de Palha do Arroz realizaram uma série de ações: reforma da cerca; estruturação de canteiros para o plantio de plantas medicinais e condimentos; plantio de mudas de plantas ornamentais; realização de campanha financeira; e recebimento de doações. A MMM articulou essas ações com um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) para a construção da casa de ferramentas. Atualmente o grupo continua realizando a comercialização de sua produção.

Em **Santa Catarina**, as mulheres construíram um projeto chamado “Alimentando a solidariedade”. Uma vez por semana, cerca de 260 pessoas participam da distribuição de um jantar. Na fila, entregam materiais informativos enquanto dialogam com as pessoas.

*“Com todos os problemas que têm dentro das comunidades, as disputas e tudo mais, muitas vezes o fogão balançando, tendo que segurar as panelas, faltando gás... mas não teve uma noite em que faltou comida. Mesmo em dias de chuva e de frio (...).”*

(Tânia Slongo, da MMM em Santa Catarina)

Em **Palmas** (TO), as ações de solidariedade realizadas na região do Setor Taquari envolveram um lanche coletivo com as mulheres e crianças do território, além de um bazar solidário da MMM e roda de conversa sobre a violência contra as mulheres, a militarização e a violência de Estado. Em uma das três ações realizadas, foram entregues 35 cestas de alimentos saudáveis produzidos pela reforma agrária, em uma parceria entre a Marcha, o MST e o Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLN). Em outra ocasião, a ação foi articulada em aliança com o Coletivo de Mulheres do Partido dos Trabalhadores (PT).

No **Paraná**, desde meados de 2020, a MMM se somou ao projeto “Marmitas da Terra”, que, toda quarta-feira, produz refeições para a população em situação de rua e para alguns bairros periféricos de Curitiba. O “Marmitas da Terra” organiza colheitas de produtos da agroecologia e de plantio, processos nos quais as marchantes contribuem. Em **Caruaru** (PE), as companheiras também estão em diálogo para a construção de uma cozinha comunitária na comunidade José Carlos Oliveira, bem como de aulas de alfabetização para pessoas jovens e adultas. Comendo, aprendendo e lutando juntas, as mulheres reafirmam a alimentação como um direito e pautam a socialização dos trabalhos domésticos e de cuidados.

### COMIDA NO PRATO, VACINA NO BRAÇO: FORA BOLSONARO!

Com o aumento da fome, a questão da alimentação esteve no centro da solidariedade militante em praticamente todos os estados. Na maior parte deles, as ações envolveram a distribuição de cestas de alimentos. Muitas vezes, essas iniciativas foram promovidas em articulação com o MST, que, durante a pandemia, foi uma referência fundamental no combate à fome e na construção da solidariedade. Em julho de 2021, o MST alcançou a marca de um milhão de marmitas e cinco mil toneladas de alimentos doados durante o período pandêmico.

Além de concretizar a solidariedade, as ações militantes destacam a luta por soberania alimentar e a enorme capacidade resiliente da agricultura familiar, que coloca comida de verdade na mesa das pessoas. Enquanto o agronegócio produz comida com veneno e o mercado empurra ultraprocessados para a população, as agricultoras familiares e camponesas reafirmam, na prática, que há outros modos, mais justos, solidários, saudáveis e sustentáveis de organizar a vida, o trabalho e a produção de alimentos.

*“(...) as ações de solidariedade se pautaram no reconhecimento da violação das necessidades mais elementares das pessoas. Muitas ações foram de distribuição de comida. Em que pese que houve outras doações, uma parte considerável envolveu alimentos. Tivemos contato com o que há de mais cruel no capitalismo, que é não garantir o básico para a sustentação da vida, o que confirma para nós a ausência de uma soberania alimentar.”*  
(Eutalia Barbosa, da MMM no Tocantins)

A pandemia evidenciou a importância dos quintais agroecológicos e das pequenas produções para autoconsumo. No **Rio Grande do Norte**, as militantes da MMM fizeram um mapeamento de mulheres que estavam precisando de ajuda no início da pandemia. Foi interessante perceber que as moradoras dos espaços rurais eram minoria, pois muitas contam com quintais, plantações e, com isso, conseguem garantir alimentação saudável para si mesmas e para suas famílias. As ações priorizaram comprar da agricultura familiar, de modo que essas companheiras foram beneficiadas com o apoio na comercialização dos produtos.

### CUIDAR DAS DIFERENTES NECESSIDADES

Em **Santa Catarina**, as militantes articularam ações para distribuir kits de higiene para mulheres em situação de rua e promover rodas de conversa. Além disso, elas deram início ao projeto “Cuidando

de nós”, o qual articulou acompanhamento psicológico para mulheres que necessitavam. Em **Jaboatão** (PE), uma campanha chamada “O amor me move” reuniu mulheres da comunidade do Jardim Piedade em torno de práticas de autocuidado e terapias integrativas, oferecendo cuidados para as militantes do movimento de moradia e reforma urbana que atuam no território. A ação se deu em parceria entre a MMM e o Coletivo de Mulheres Vera Lucia, uma entidade local.

As companheiras da região do sudoeste do **Paraná** realizaram ações com mulheres que estão em situação prisional, incluindo a distribuição de produtos de higiene e o planejamento de revitalização do local onde estão detidas. Em **Corumbá e Ladário**, no **Mato Grosso do Sul**, a MMM, junto das organizações que constroem o “Comitê Popular de Enfrentamento a Pandemia”, tiveram a iniciativa de arrecadar materiais de higiene para mulheres em situação de cárcere. Além delas, catadoras de materiais recicláveis, mães atendidas por um Centro Educacional Juvenil e comunidades remanescentes de quilombolas foram contempladas.

No **Maranhão**, umas das principais ações atendeu mulheres em situação de prostituição. A atividade foi realizada em parceria com o “Solidariza São Luís”, um projeto de diversas entidades do estado. Na comunidade do Coque, em **Recife**, as marchantes se juntaram à campanha “Mãos Solidárias” e à Associação de Mãe, Pai e Adolescente do Coque (Ampac) para oferecer assistência às mulheres idosas do território, que vivem em situação de vulnerabilidade e apresentam dificuldades de obtenção de renda. Por meio de um acompanhamento semanal, foi possível garantir atenção às situações de maior risco de insegurança alimentar e, além disso, articular doações de alimentos.

Em **Minas Gerais**, a campanha de solidariedade da Marcha Mundial das Mulheres levou ações de distribuição de kits de higiene a aproximadamente 2000 mulheres da região metropolitana de **Belo Horizonte**. Além de contribuir com o acesso das mulheres em maior situação de vulnerabilidade a produtos de higiene, fortaleceu a organização popular das mulheres nesse território. Esse trabalho foi realizado em parceria com o Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD), na Ocupação Pátria Livre, em **Belo Horizonte**, e em **São Joaquim de Bicas**, junto às mulheres atingidas por barragens. Em **Minas Gerais**, as ações da Marcha foram desenvolvidas junto às campanhas “Periferia Viva” e “Vamos Precisar de Todo Mundo”.

## UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É DIREITO DAS MULHERES

No Brasil, uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência na pandemia. Diante disso, em muitos estados, as ações se conectaram com iniciativas de diálogo sobre a violência contra as mulheres. Na **Paraíba**, por exemplo, as marchantes se juntaram ao MTD e, no campo de ações da “Periferia Viva”, distribuíram cestas básicas para mulheres em situação de vulnerabilidade, que vinham acompanhadas de um informativo sobre a violência, contendo os números que poderiam ser acionados caso fossem agredidas.

No **Rio de Janeiro**, as ações de solidariedade, principalmente de doação de alimentos, roupas, entre outros itens, aconteceram na comunidade Tavares Bastos. Nessas ocasiões, as companheiras da Marcha perceberam como a crise vem se aprofundando, ao reconhecerem que somente os alimentos não resolviam mais, porque faltava às mulheres dinheiro para comprar o gás. Uma das perspectivas visionadas por elas é a cons-





EM BELO HORIZONTE (MG), O ENCERRAMENTO DA 5ª AÇÃO INTERNACIONAL TEVE "MARMITAÇO" E INTERVENÇÃO COM FAIXA SOBRE A FOME



8 DE MARÇO DE 2021 EM CURITIBA (PR)

trução de uma cozinha coletiva, para que essa situação seja enfrentada em conjunto. Além disso, as mulheres da comunidade demandaram que as ações envolvessem debates sobre a violência contra a mulher e os mecanismos de combate a essa questão, já que os casos de agressão aumentaram bastante nesse contexto.

Em **Pernambuco**, a campanha “Seguir na luta (se) cuidando” também teve um olhar atento ao aumento da violência machista. Por meio de mecanismos criados para acompanhar a situação das mulheres, as companheiras promoveram discussões sobre a violência, a fome, as políticas públicas e a desinformação. Elas elaboraram informativos sobre esses assuntos, que foram distribuídos junto de mais de cinco mil máscaras produzidas pelas militantes. Além disso, promoveram uma campanha informativa que repercutiu nas redes sociais das articulações de solidariedade “Mãos Solidárias” e “Periferia Viva”.

Seguimos em marcha no combate à violência patriarcal e suas raízes, como fazemos desde o início da nossa história. A MMM nasceu no ano 2000 como uma grande mobilização que reuniu mulheres do mundo todo em uma campanha contra a pobreza e a violência. As ações começaram em 8 de março, Dia Internacional de Luta das Mulheres, e terminaram em 17 de outubro, organizadas a partir do chamado “2000 razões para marchar contra a pobreza e a violência sexista”.

## NAS RUAS, REDES, RÁDIOS E ROÇADOS

Em diferentes estados, as ações de solidariedade também envolveram ações comunicativas, com carros de som, panfletos, participação em rádios comunitárias, diálogo com meios de comunicação populares e registro da memória desses processos. Com os lambe-lambes, que marcam a intervenção urbana da MMM, dialogamos com as mulheres e com a sociedade em geral sobre as nossas reivindicações, disputando ideias e apresentando o projeto de sociedade que queremos.

Em 2020, as militantes da MMM no **Espírito Santo** lançaram uma campanha de orientação nas redes para dialogar com as mulheres capixabas. A iniciativa divulgou os principais serviços de atendimento às mulheres, para que todas soubessem onde poderiam ser atendidas caso sofressem uma agressão. A ação foi pensada devido ao aumento dos casos de violência durante a pandemia.

Na comunidade de XV de Novembro, em **Paulista (PE)**, foram realizadas ações educativas e comunicativas com apoio de bicicletas de som, além das entregas de cestas de alimentos, materiais de higiene, produtos de limpeza, máscaras, remédios e uma campanha pelo acesso das crianças à alimentação oferecida pelas escolas públicas do município. Dentre as ações propostas para o futuro, se destacam as atividades organizativas, ações de capacitação e de geração de renda, além da promoção de intercâmbios das experiências de organização comunitária.

Desde o início da pandemia, com a comunicação popular e feminista, apontamos os caminhos de organização e potencialidades do feminismo por meio das centenas de ações que conectam redes, ruas e roçados. Apesar de vivermos na pele, todos os dias, lutos familiares e sociais, fomos capazes de garantir criatividade e fúria feminista em nossos diferentes contextos.

1º DE MAIO DE 2021,  
EM JOÃO PESSOA (PB).  
JOÃO CAVALCANTE



COLAGEM DE  
LAMBES NO  
ESTADO DE SÃO  
PAULO



## PARTE 4

## APRENDIZADOS COLETIVOS

Identidade de classe. Antirracismo. Ética feminista. Potência coletiva. É assim que o princípio da solidariedade, que faz parte da história do nosso movimento, se concretiza no presente. Com a intensificação do conflito entre o capital e a vida, esse foi um valor fundamental para a construção de práticas que buscaram enfrentar as muitas interdições e negações de direitos impostas pela política genocida.

Nossa construção coletiva reafirma a importância da auto-organização das mulheres. Os movimentos sociais são sujeitos políticos fundamentais no enfrentamento da crise vivenciada não só no Brasil, mas internacionalmente. A transformação radical dessa sociedade se dá apontando as razões pelas quais esse modelo não serve e, além disso, concretizando outros valores e práticas, que são base da construção de outro mundo possível.

Nesses processos, as mulheres são linha de frente. O protagonismo nas dinâmicas de sustentação da vida, de construção dos comuns e de resistência contra a ofensiva capitalista sobre os corpos, trabalhos e territórios faz parte da memória histórica das mulheres. Assim como é histórica a reivindicação de que esse protagonismo seja reconhecido e valorizado. **Visibilizar as lutas, práticas e trabalhos das mulheres é um desafio e um aprendizado constante, que inclui tirar o véu da invisibilidade dos trabalhos doméstico e de cuidado.**

Há um vasto caminho a ser percorrido para que os cuidados e a reprodução social sejam socializados e não estejam mais compulsoriamente sob a responsabilidade das mulheres. Nesse sentido, além de avançar na discussão sobre o tema, é preciso debater outro modo de organizar as necessidades coletivas, que desminta o suposto caráter individual das demandas que todas as pessoas têm. **Reconhecer a interdependência e a vulnerabilidade é um caminho para compreender que, coletivamente, há modos mais sustentáveis, éticos e justos para organizar a vida.**

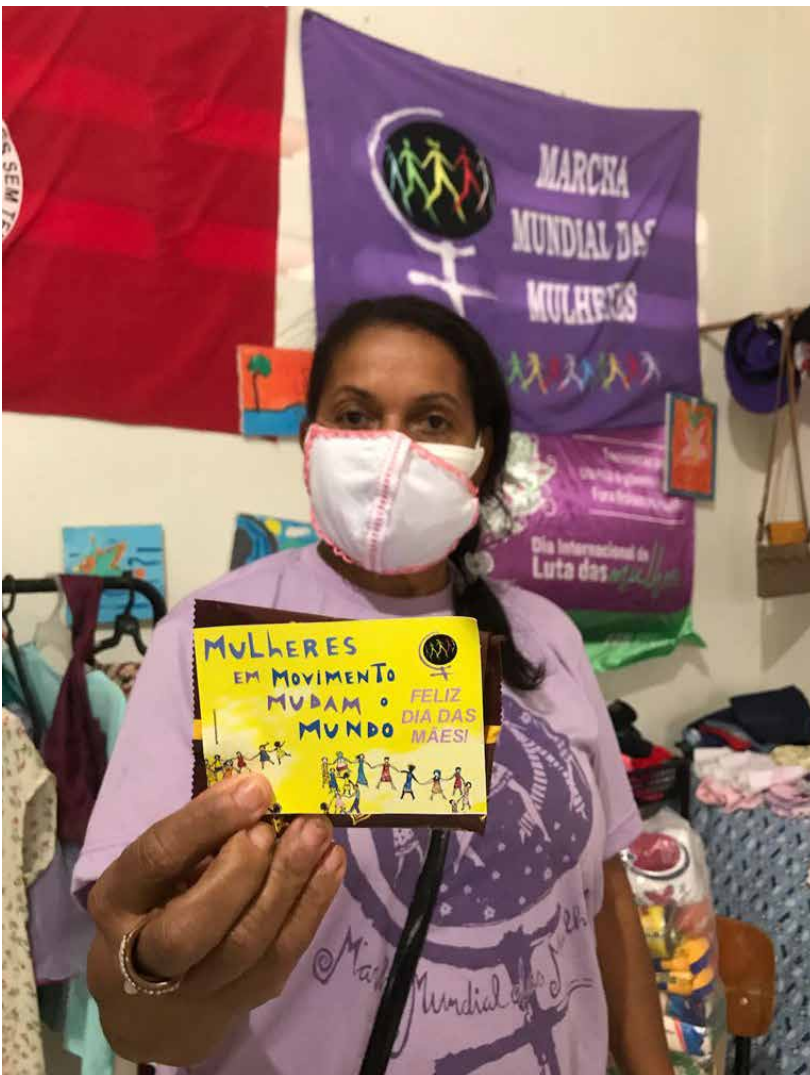
As ações promovidas no contexto da pandemia, no Brasil, evidenciam que, para a Marcha Mundial das Mulheres, teoria e prática caminham juntas. As iniciativas de solidariedade colocam a vida no centro e, ao mesmo tempo, não se desconectam da reivindicação pelo desmantelamento do atual projeto político. Resistimos para viver e marchamos para transformar, conforme anunciou o lema da 5ª Ação Internacional.

*“Quando estávamos pensando ações de doação de alimentos, de material de limpeza e de higiene pessoal, nós estávamos conectando com a campanha Fora Bolsonaro, conectando inclusive para dizer que nós estamos nessa situação de pandemia e ela só é pior porque nós temos*

*o governo Bolsonaro. Isso é uma coisa que imprimimos desde o começo. Nas atividades que a gente fez, sempre tinha um grupo que perguntava: cadê a faixa?”*

(Mulheres da MMM no Rio Grande do Norte)

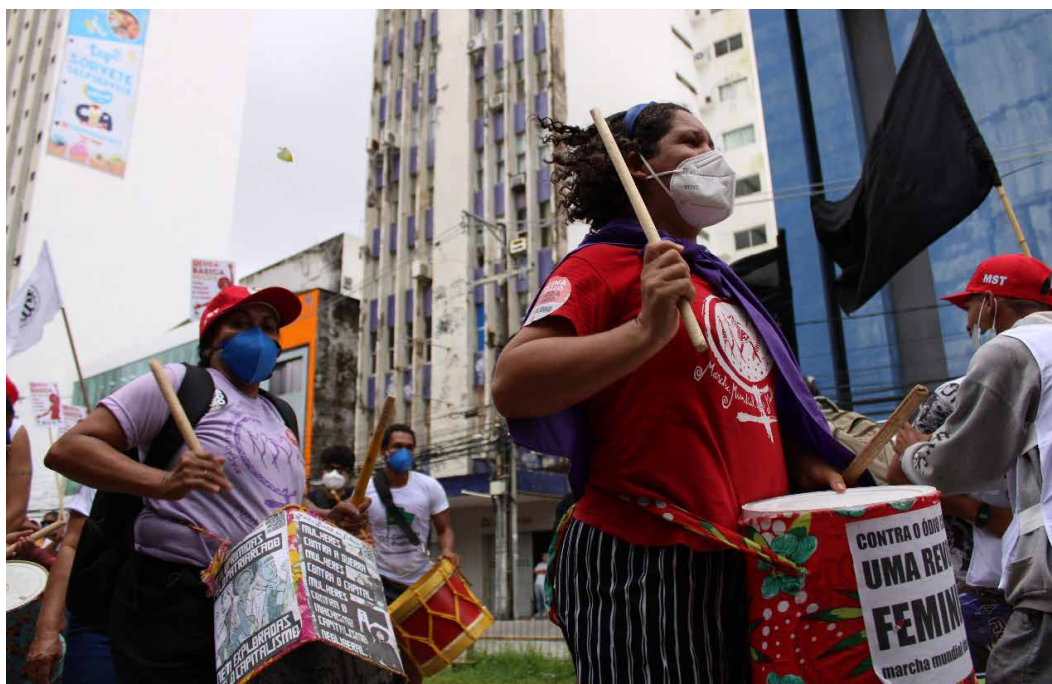
As alianças estão no centro da estratégia da Marcha Mundial das Mulheres no mundo todo. Nas emergências, os movimentos enfrentam juntos as adversidades e, mais do que isso, reafirmam a visão de mundo comum que partilham. Se a fome é a expressão da atual organização do mundo, a aliança entre campo e periferia, e a valorização das práticas agroecológicas são as sementes para a construção de outro mundo possível. A comida envenenada, os ultraprocessados e os produtos que mal podem ser chamados de alimentos – os quais são empurrados para o prato das pessoas pelo agronegócio, pelas empresas transnacionais e pelas grandes redes de supermercados – também são expressões da política genocida em curso, que considera as trabalhadoras e trabalhadores como coisas descartáveis. As ações de solidariedade vinculadas à alimentação e conectadas com os processos políticos contribuem para fortalecer a luta pela soberania alimentar.



FÁBRICA DE VASSOURAS  
ECOLÓGICAS EM BRASÍLIA  
TEIMOSA,  
EM RECIFE



LEMA DA 5ª AÇÃO INTERNACIONAL DA MMM ESTAMPANDO A FAIXA DAS MULHERES NO RIO GRANDE DO NORTE



ATO FORA BOLSONARO EM RECIFE (PE). COLETIVO DE COMUNICAÇÃO SOLEDAD BÄRRETT

## HORIZONTES PARA A CONSTRUÇÃO DA VIDA EM COMUM

Durante os primeiros meses da pandemia, os trabalhos necessários para que a vida aconteça ficaram mais evidentes, sem necessariamente serem mais valorizados por isso. Os cuidados, a produção de alimentos e todos os trabalhos domésticos cotidianos historicamente invisibilizados – feitos em sua maioria por mulheres com baixa remuneração ou mesmo sem remuneração, e muitas vezes sem direitos – mostraram-se essenciais. A partir do feminismo, afirmamos que os trabalhos domésticos e de cuidados devem ser reconhecidos, valorizados e socializados.

**As disputas em torno dos eixos do conflito do capital contra a vida são estratégicas nas apostas de lutas emancipatórias. Temos o desafio de enfrentar as urgências da conjuntura sem perder o horizonte de transformação estrutural que orienta nosso feminismo anticapitalista.**

A economia feminista é uma bússola que aponta a necessidade de colocar a sustentabilidade da vida no centro das práticas de resistência e das propostas de transformação. Na prática, isso significa fortalecer as iniciativas de solidariedade que reconstroem e reforçam os laços de comunidade e a autogestão da vida em comum; visibilizar, denunciar e proteger as mulheres que vivem em situação de violência; fortalecer e apoiar as mobilizações de trabalhadoras e trabalhadores por direitos e por melhores condições de trabalho; conectar a reivindicação de políticas públicas de combate à crise com a luta por transformações urgentes em nossa sociedade.

Essa luta também inclui a reivindicação de sistemas públicos e universais de saúde; o desencarceramento em massa; o direito à moradia em condições dignas, com saneamento básico; a reorganização das prioridades dos recursos públicos e dos trabalhos essenciais; e o fim do poder das empresas transnacionais do agronegócio e dos supermercados sobre nossa alimentação, através da reforma agrária e da soberania alimentar. Nessa agenda política, o internacionalismo e a solidariedade são fundamentais para enfrentar o conflito entre o capital e a vida, como as mulheres enfrentam durante a pandemia.

No contexto da pandemia de Covid-19, os movimentos sociais foram capazes de oferecer uma resposta crítica e concretizar a construção de alternativas com rapidez. Tiveram, inclusive, certa capacidade de antecipação, visto que as análises feitas pelas organizações foram se confirmando à medida que o tempo passava, como em relação à volta da fome, por exemplo. Sem deixar de brigar com o governo, lutando por auxílio emergencial e por medidas de combate ao vírus, os movimentos construíram e reconstruíram iniciativas para sustentar a vida coletivamente.

*“Todas as ações de solidariedade são importantes, mas quando elas caminham na direção de que as pessoas das comunidades sejam protagonistas, isso torna essas ações ainda mais potentes (...).”*  
(Nalu Faria, da MMM em São Paulo)

O auxílio emergencial foi desmontado pelo governo, a fome é cada vez maior e o desemprego bate recordes. A crise segue se agudizando. A imensa gravidade do momento inspira a necessidade de fortalecimento da luta social, para derrotar a política genocida e para construir a vida em comum. Nesse sentido, afirmamos que tanto o Estado militarizado e autoritário quanto as falsas soluções do mercado não servem – nem agora, nem nunca – como saídas para a crise.

Os caminhos para a construção de outra forma de organizar a sociedade passam por seguir concretizando a solidariedade. As ações de solidariedade feitas durante a pandemia, que envolveram o combate à fome, à solidão, à desinformação e à precariedade, foram um marco para a esquerda no Brasil e para outros países da América Latina, que devem muito a países como Cuba, onde o povo resiste há décadas às investidas imperialistas que querem dismantelar a organização coletiva.

*“(...) o aprendizado que fica é que a solidariedade também é um método de construção de movimento. As ações de solidariedade nos permitiram colocar em prática o que temos de formulação, na defesa de que a vida deve estar no centro. Quando as ações se tornam iniciativas permanentes, estamos, ao mesmo tempo, construindo o movimento e dando respostas concretas para as questões enfrentadas pelas mulheres.”*

(Bernadete Monteiro, da MMM em Minas Gerais)

Agora, há o desafio de dar continuidade às ações e, em alguns territórios, de sustentar/promover a conversão das mesmas em iniciativas permanentes. Mesmo que as possibilidades de obter renda sejam estabelecidas, é preciso que a rejeição à organização da vida pelo mercado seja permanente. Fortalecer a agroecologia e a economia solidária está, permanentemente, no horizonte das mulheres organizadas.

*“Entretecendo a agroecologia e a economia feminista, o que se busca é resgatar práticas tradicionais e inventar novas formas de organizar a sociedade e as relações cotidianas entre as pessoas e delas com a natureza, que tenham como questão central a sustentabilidade da vida.”*

(Miriam Nobre, da MMM em São Paulo)

Reivindicamos o sentido público do Estado e, além disso, apostamos na (re)construção das relações comunitárias. Somos as mulheres da classe trabalhadora de todos os povos que continuamos a apontar possíveis horizontes, enquanto nos colocamos na linha de frente da resistência aos ataques do capital contra a vida. A luta é internacionalista. A auto-organização concretiza a solidariedade feminista e popular nas ações cotidianas nos territórios. Unidas, reescrevemos nossas histórias, resistindo para viver e marchando para transformar!

*“O que ficou disso na mente, de missão, de fortalecimento, é essa certeza de que a gente pode sim nos manter vivas, juntas e presentes.”*

(Maria Mercês, militante da MMM no Maranhão)



## REFERÊNCIAS

Colectiva XXX, SOF Sempre Viva Organização Feminista. **Juntas e misturadas: explorando territórios da economia feminista**. São Paulo: XXX e SOF, 2021.

FARIA, Nalu; MORENO, Tica; NOBRE, Miriam (Orgs.). **Cultivar a vida em movimento: experiências de economia feminista na América Latina**. São Paulo: SOF, 2020.

ISLA, Ana; NOBRE, Miriam; MORENO, Renata; IYUSUKA, Sheyla Saori; HERRERO, Yayo. **Economia feminista e ecológica: resistências e retomadas de corpos e territórios**. São Paulo: SOF, 2020.

MMM, Marcha Mundial das Mulheres. **Feminismo em movimento: caderno de apresentação da Marcha Mundial das Mulheres**. São Paulo: SOF, 2019.

MMM, Marcha Mundial das Mulheres. **Documento regional das Américas para o encerramento da 5ª Ação Internacional da MMM**, 2020. Documento público. Disponível em: <<http://www.marchamundialdasmulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/10/DocAmericasPT.pdf>>. Acesso em: 18 de novembro de 2021.

MMM, Marcha Mundial das Mulheres. **Declaração da 5ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres**, 2020. Documento público. Disponível em: <<https://www.marchamundialdasmulheres.org.br/declaracao-5a-acao-internacional-marcha-mundial-das-mulheres-2020/>>. Acesso em: 18 de novembro de 2021.


NOBRE, Miriam (Org.). **Um meio tempo preparando outro tempo: cuidados, produção de alimentos e organização de mulheres agroecológicas na pandemia**. São Paulo: SOF, 2021.

NOBRE, Miriam. Agroecologia e economia feminista: tecendo a sustentabilidade da vida. **Revista NEADS**, Boituva, v.1, n.1, 2020. Disponível em: <http://neads.btv.ifsp.edu.br/ojs/index.php/revneads/issue/view/7>. Acesso em: 18 de novembro de 2021.

ROIZMAN, Lilian; CLOSS, Marília. **Modernização da fome e a vida das mulheres: por que lutamos pela soberania alimentar?**. Blog da MMM, 2021. Disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com/2021/08/09/modernizacao-da-fome-e-a-vida-das-mulheres-por-que-lutamos-pela-soberania-alimentar/>. Acesso em: 18 de novembro de 2021.



Apoio:

 **HEINRICH BÖLL STIFTUNG**  
**BRASIL**